

Lição 03: O Pai enviou o Filho

TEXTO ÁUREO

Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por ele vivamos (1Jo 4.9).

VERDADE PRÁTICA

O envio do Filho revela o amor do Pai e a perfeita unidade da Trindade no plano da salvação, garantindo a redenção e a adoção dos crentes.

LEITURA DIÁRIA

Segunda	Jo 3.16	O amor de Deus revelado no envio do Filho Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna
Terça	Jo 6.38	O Filho veio ao mundo para cumprir a vontade do Pai Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou
Quarta	1Jo 4.10	Deus nos amou primeiro, enviando seu Filho Nisto está o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados
Quinta	Jo 14.6	Cristo como único caminho ao Pai Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim
Sexta	Ef 1.3-6	O plano eterno de adoção como filhos em Cristo ³ Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo; ⁴ Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor; ⁵ E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, ⁶ Para louvor da glória de sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado
Sábado	Jo 16.13,14	O Espírito glorifica a Cristo e guia em toda a verdade ¹³ Mas, quando vier aquele, o Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir. ¹⁴ Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar.

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Dica pedagógica

Pergunte aos seus alunos qual o assunto da lição da semana passada. Isso força que eles estejam atentos e não apenas presentes e familiariza os demais com os assuntos passados. Outra boa prática é tentar fazer com que rememorem os principais pontos abordados na aula passada. Se puder, premie os que lembrarem dos assuntos. Estes brindes não precisam ser caros: um chocolate, um livreto, um Mensageiro da Paz, parte da lição.

João 3.16,17; 1 João 4.9,10; Gálatas 4.4-6.

João 3

16 - Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

17 - Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.

1 João 4

9 - Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por ele vivamos.

10 - Nisto está o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados.

Gálatas 4

4 - mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei,

5 - para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos.

6 - E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai.

OBJETIVOS DA LIÇÃO

- I. Compreender que o envio do Pai é a maior prova do amor de Deus Pai;
- II. Reconhecer que a vinda de Cristo ocorreu na plenitude dos tempos, segundo o plano eterno de Deus;
- III. Identificar a atuação da Trindade na execução e aplicação da salvação.

INTRODUÇÃO

No plano eterno da redenção, o Pai é quem envia o Filho para salvar o mundo. Esta verdade, revelada nas Escrituras, manifesta o amor do Pai e reafirma a unidade e a missão da Santíssima Trindade. Nesta lição, veremos como o envio do Filho Unigênito de Deus - a Segunda Pessoa da Trindade, revela em profundidade: a suprema expressão do amor de Deus, a plenitude do tempo para a redenção e a obra perfeita da Trindade na salvação.

Dica pedagógica

Apresente o gráfico a seguir a seus alunos. Ele fala do conceito de economia divina, que nada tem a ver com a dimensão financeira do termo. Na economia divina existe um plano eterno para a salvação, do qual participam o Pai, o Filho e o Espírito Santo.



Coordenação de EBDs

Lição 03 - O Pai enviou o Filho

Enriqueça seus conhecimentos



O que é economia divina?

Um conceito teológico permeia a lição da semana: a **economia divina**. Não é muito comum ouvir sobre, mas os estudantes teológicos estão familiarizados com ele. Ou deveriam! Então o que é economia divina no contexto da salvação?

No estudo teológico, economia refere-se à forma como Deus organiza, administra e executa a sua obra redentora ao longo da História, conduzindo a humanidade da criação à consumação final. A palavra vem do grego οἰκονομία (lê-se, oikonomía), que significa: administração da casa (vem de duas palavras οἶκος, casa; νόμος, lei, regra), mordomia, plano ou arranjo ordenado. Biblicamente, não tem relação com dinheiro, mas com a administração divina. Traduzindo em conceitos simples: O Pai enviou seu Filho, que morreu por nossos pecados. O Espírito Santo aplica este sacrifício em nossos corações!



EBDAD Seara

www.ebd.adseara.org

I - O ENVIO DO FILHO E O AMOR DO PAI

1 - O amor incondicional do Pai. O envio de Jesus Cristo - o Filho Unigênito do Pai, é a maior demonstração do amor de Deus ao mundo (Jo 3.16). O verbo grego para este amor é ἀγαπάω (Lê-se, aqapâô) e o substantivo é ἀγάπη (Lê-se: agapê). Expressam a natureza essencial de Deus (1Jo 4.8) e a busca pelo bem-estar de todos (Rm 15.2). Conforme usado, acerca de Deus, manifesta interesse profundo e constante de um Ser perfeito para seres completamente indignos (Vine, 2002, p.395). Ensina que o amor de Deus não foi motivado por mérito humano.

Ele amou “o mundo” rebelde e perdido - e enviou seu Filho “não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (Jo 3.17). Este amor alcança toda a humanidade, é incondicional, plenamente gracioso, sacrificial e absoluto! (Ef 2.4,5).

Deus reside num ambiente de Glória infinita, cercado por seres de imenso poder e não precisa de adoração adicional. Ou seja, não há uma carência ou solidão nele, que justificasse um amor tão profundo. Não desse ponto de vista. Entretanto, tendo criado a humanidade, vendo-a caída e impotente para salvar-se por conta própria, avocou para si a responsabilidade de salvá-la.

Logo, a base de sua decisão é o amor. Um amor puro, sem reservas, incondicional e devotado pela obra de suas mãos (Is 53:11). Tão responsável a ponto de empenhar todo e qualquer esforço para a execução de seu plano tremendo.

2 - A iniciativa soberana de Deus. Desde a eternidade, antes da Queda no Éden, Deus traçou um plano de redenção em Cristo (Ef 1.4,5). Até mesmo anterior a fundação do mundo, o Filho já estava destinado para nossa salvação (1 Pe 1.18-20). Deus, em sua soberania e seu imensurável amor, tomou a iniciativa de enviar o Salvador, cumprindo seu eterno propósito de redenção (Ef 1.9). A Escritura ratifica que o amor divino antecede qualquer atitude humana: “não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados” (1 Jo 4.10). Portanto, a iniciativa da salvação não parte do ser humano, mas de Deus. Em sua soberania, misericórdia e compaixão, Deus decidiu agir em favor da humanidade caída (Rm 3.24-26; 5.8).

Dos atributos incomunicáveis de Deus aquele com o qual pior lidamos é sua soberania (Is 45:9; Rm 9:20). Entretanto, foi o fato de ser soberano que impulsionou o ser de Deus em direção às suas criaturas perdidas.

Outrossim, com a assombrosa é a afirmação de que o Cordeiro foi morto antes da fundação do mundo. Não é pouca coisa. A expressão “antes da fundação do mundo”, no original καταβολῆς κόσμου (Lê-se: katabolês kosmu), ocorre 11 vezes no NT e em dez delas refere-se a um tempo anterior a todas as coisas, quando estava em gestação o plano que resultaria na economia divina da salvação e é anterior a Gn 1:1.

3 - O envio do Filho e a Trindade. Embora a missão do Filho seja descrita por meio do verbo “enviar” (Jo 3.17,18,34), a ideia aqui é de um presente gracioso de Deus (1Jo 4.10). Em seu amor soberano, o Pai ofereceu sua dádiva mais preciosa - o seu Filho Unigênito: “para que por Ele vivamos” (1Jo 4.9). Essa doação, não implica hierarquia na Trindade. O Pai, o Filho e o Espírito Santo possuem a mesma natureza divina (Jo 1.1; 10.30; 14.26). A distinção observada é funcional, relacionada ao plano da salvação: o Filho é enviado para realizar a redenção (Jo 6.38-40). Essa dinâmica revela harmonia e unidade da Trindade: uma única vontade e um único

propósito. O envio do Filho é, portanto, uma expressão do amor do Deus Triúno, que resplandece em toda a história da salvação (Ef 1.3-14).

Uma das declarações mais assombrosas das Escrituras está em Isaías 53:10: “Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado, verá a sua posteridade, prolongará os seus dias; e o bom prazer do Senhor prosperará na sua mão”. Isso significa que enquanto a Trindade decidia o que fazer, ao Pai agradava entregar o Filho, ao mesmo tempo em que ao filho agradava fazer a vontade do Pai. Já o Espírito Santo aprovava a atitude de ambos e, todos juntos, alegravam-se nisso.

Jesus, portanto, não veio de má vontade de fazer a vontade de seu Pai. Como homem ele podia até temer o desafio da Cruz (Mt 26:39), mas como Deus Ele entregava a vida, prazerosamente, para tornar a tomá-la (Jo 10:17-18).

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

O AMOR SALVÍFICO DO PAI

“A ação redentora cheia de amor de Deus, é apresentada nesta seção em forte contraste em relação ao destino desesperado da humanidade pecadora sob a ira do mesmo Deus em 2.1-3. Em termos empolgantes e impetuosos, Paulo faz o contraste da situação em que os leitores estavam ‘antes’ (2.3), sem Cristo; aquilo em que estão agora, em Cristo; aquele que ‘todos nós’ (2.3a) somos por natureza (2.3d) e aquilo que somos ‘pela graça’ (2.5,8); a razão da ira de Deus (2.3) e a iniciativa do amor de Deus (2.4); a realidade espiritual de que ‘estávamos mortos’ (2.1), mas que Deus ‘nos vivificou juntamente com Cristo’ (2.5).” (ARRINGTON, Franch L.; STRONSTAD, Roger. Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento: Romanos - Apocalipse. Volume 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p.410).

II - O FILHO E A PLENITUDE DOS TEMPOS

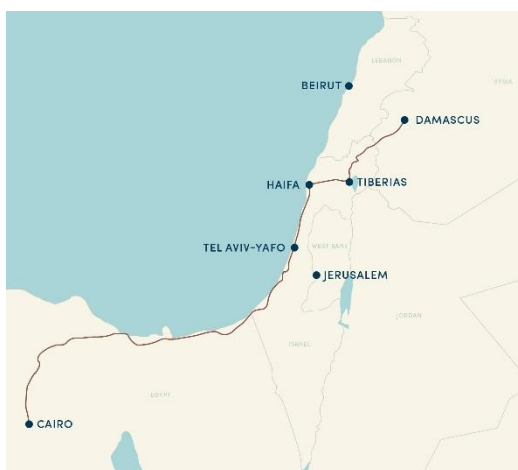
1 - A preparação histórica e religiosa. O envio de Cristo não foi um plano improvisado, mas um desígnio eterno, cumprido “na plenitude dos tempos” (Gl 4.4). Indica que a vinda do Messias se deu no tempo determinado pelo Deus Pai (Rm 5.6). A Trindade, em perfeita sabedoria e unidade, determinou o momento exato para a execução do plano redentor (Ef 1.10,11). Historicamente, o domínio romano construiu estradas e rotas comerciais que contribuíram para a disseminação do Evangelho. A cultura grega unificou o mundo por meio do grego koiné, tornando possível a escrita do Novo Testamento em uma língua conhecida e popular. No judaísmo, apesar da rejeição dos líderes entre o povo, a expectativa messiânica estava elevada (Lc 2.25-38). Isso sinaliza que Deus preparou o cenário para a chegada do Salvador (At 17.26).

O cenário político

Roma era o império que dominava durante a história descrita no Novo Testamento. Tendo iniciado oficialmente em 27 a.C., quando o Senado Romano concedeu a Otaviano o título de Augusto, marcando o fim da República Romana e o começo do período imperial, durou até 476 d.C. no Ocidente.

A Palestina estava sob o controle de Roma desde 63 a.C., quando Pompeu conquistou Jerusalém. O império governava através de prepostos e não interferia no dia a dia, a não ser quando revoltas explodiam. Para a movimentação dos soldados, havia várias estradas que conectavam as grandes províncias sob domínio romano. Na Palestina havia:

- A Via Maris (ligava Egito à Síria, passando por Israel)
- O caminho do Rei (a leste do Jordão)
- Outras estradas secundárias que ligavam Jerusalém, Cesareia, Samaria e Galileia



Via Maris

Herodes, o Grande (37–4 a.C.) governava como rei da Judeia, com apoio de Roma, quando Jesus nasceu. Após sua morte, o reino foi dividido entre seus filhos:

- **Herodes Arquelau** – Judeia, Samaria e Idumeia (deposto em 6 d.C.). Após a deposição de Arquelau, a Judeia passou a ser governada diretamente por Roma
- **Herodes Antipas** – Galileia e Pereia (governante durante a maior parte da vida de Jesus)
- **Filipe** – regiões ao norte (Itureia e Traconites)

A Galileia, onde Jesus cresceu, estava sob o domínio de Herodes Antipas, um governante politicamente frágil e submisso a Roma.

O império exercia o poder com mão de ferro, esmagando todo levante exemplarmente. Um exército numeroso e bem treinado cuidava da segurança das estradas. Por outro

lado, cobrava altos impostos através de uma rede de publicanos corruptos e voluptuosos.

O cenário linguístico

O grego, em sua versão koiné, de comum, popular, tornou-se língua franca da Europa, Ásia e parte da África devido às conquistas de Alexandre, o Grande (356 a.C.-323 a.C.), que unificaram a Grécia e espalharam o idioma pelo seu vasto império, transformando-o na língua comum do comércio, administração e cultura no Mediterrâneo e Oriente Médio.

O império grego capitulou na Batalha de Corinto, em 146 a.C., quando a República Romana derrotou a Liga Aqueia e transformou a Grécia em uma província romana. Mas Roma manteve a influência grega na cultura e várias outras áreas, embora usasse o latim com idioma oficial.

O koiné era uma versão simplificada do grego clássico, o que facilitou a compreensão por diversos povos, consolidando-se como idioma oficial do Cristianismo e do Império Romano Oriental (Bizantino). Coube aos soldados gregos disseminarem-no por onde passavam.

Cerca de 285 anos antes de Cristo, 70 (ou 72 a depender da fonte) sábios judeus se reuniram na ilha de Faros, em Alexandria, no Egito, para a tradução do Velho Testamento do hebraico para o grego. Não sabemos, exatamente, quantos anos durou esse trabalho, mas era uma versão conhecida e disseminada, principalmente, entre os prosélitos (judeus convertidos, At 8:28).

A generalização do idioma e desta versão das Escrituras favoreceu a pregação do Evangelho. Onde os primeiros discípulos chegavam podiam falar de Cristo a qualquer pessoa, que seriam compreendidos.

O cenário religioso

À altura do ministério de Jesus o templo e suas cerimônias haviam se esvaziado. Aliás, desde 586 a.C. foram levados os utensílios, a arca e tudo que tinha valor para Babilônia. A arca nunca mais voltaria. Nem mesmo o templo era o de Salomão. Cerca de 16 anos



antes do nascimento de Jesus Herodes havia restaurado e ampliado o templo de Zorobabel.

Lembremos que Zorobabel liderou a reconstrução do Templo de Jerusalém após o exílio babilônico, com a obra recomeçando por volta de 520 a.C., após uma paralisação, e sendo concluída por volta de 515 a.C., sob o encorajamento dos profetas Ageu e Zacarias, no período do domínio persa.

No templo de Jesus nada havia no Santo dos Santos a não ser uma pedra com a palavra Shetijah (שֶׁתִּיחַ). Esta palavra hebraica se refere à "pedra fundamental" ou "rocha da fundação". Em termos práticos, Deus havia se afastado dali.

Entretanto, o Judaísmo havia mantido a esperança do povo por um libertador, um Messias. E este cenário se tornou favorável à aparição do Senhor Jesus na história.

2 - O Filho nascido sob a Lei. A Escritura afirma que o Filho veio “nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gl 4.4b). A expressão “nascido de mulher”, reafirma que Cristo assumiu nossa natureza humana (Hb 2.14; Fp 2.7,8). Ele encarnou e experimentou as fraquezas humanas, exceto o pecado (Hb 4.15). Cumpriu-se assim a profecia: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho” (Is 7.14; Mt 1.23), mostrando que sua vinda foi obra soberana de Deus. A declaração “nascido sob a lei” significa que Jesus cumpriu todas as exigências da Lei mosaica (Mt 5.17). Ele foi o único homem a cumprir plenamente a Lei de Deus, sem a transgredir em momento algum (1Pe 2.22). Sua vida de obediência foi necessária para que pudesse oferecer um sacrifício perfeito em favor dos pecadores (Hb 7.26,27).

As duas expressões encerram a controvérsia sobre o fato de que Jesus era 100% homem e, ao mesmo tempo, 100% Deus. Ele exercia sua humanidade plenamente, mas apenas esvaziou-se de sua divindade (Fp 2:7), sem deixar de exercê-la. Voluntariamente tornou-se um servo. Esta é a declaração paulina a respeito deste episódio singular. Um homem não poderia despir Deus de sua divindade!

3 - A adoção de filhos. A obra do Filho não apenas trouxe perdão, mas também nos concedeu a posição de filhos adotivos (Gl 4.5). Cristo é o único Filho de Deus por natureza (Jo 1.18); e os crentes tornam-se filhos por adoção (Jo 1.12,13). A prática da adoção não fazia parte do sistema legal judaico, mas era comum e bem conhecida entre os gentios. Paulo enfatiza que foi do agrado de Deus inserir no plano da salvação, que os salvos fossem adotados como filhos (Ef 1.5). O “espírito de adoção” habilita os salvos a clamarem “Aba, Pai” (Gl 4.6). Esse termo aramaico (“Aba”, “papai”) empregado na interação entre o Filho e o Pai, indica respeito e confiança (Mc 14.36). Essa adoção e intimidade é aplicada pelo Espírito Santo (Rm 8.15,16), demonstrando novamente a atuação inseparável da Trindade na salvação.

A adoção é um ato jurídico pelo qual uma criança de uma família é recebida em outra. Isto implica na obtenção de um rol de direitos e deveres que ela não teria anteriormente.

Era conhecida a separação que existia entre gentios e judeus. Os últimos se arvoravam na genealogia para exigir um direito espiritual: serem filhos de Abraão a quem Deus fez a promessa (Mt 3:9). Já os primeiros viviam numa indolência semelhante àquele ditado que ouvimos, quando pregamos o evangelho por aí: “quando eu morrer, Deus faça de mim o que quiser”! Em ambos os casos a responsabilidade era transferida para o Criador. Se eu for condenado, a culpa é dele. Se eu for salvo, o mérito também é dele.

É um sistema lógico razoável, mas exime os seres humanos de suas responsabilidades. Com Cristo as coisas mudam de figura. Conforme o dizer de Paulo: “Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia” (Rm 11:32). Neste ínterim, porém, atribuiu a decisão de salvar-se ou perder-se à aceitação do sacrifício de seu Filho (Jo 3:36). E mais: já não há nem judeu, nem gentio, mas uma nova categoria de pessoas: os salvos. Qualquer raça, tribo, povo, língua ou nação!

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

A PLENITUDE DOS TEMPOS

“O período de utilidade limitada da lei é relatado em 4.4. A frase ‘quando veio a plenitude dos tempos’ marca o fim do período de tutela como relatado em 3.24,25; 4.1,2. O plano pré-ordenado de Deus era que a lei ditasse o fundamento da moralidade até a vinda de Cristo. Jesus é o ponto focal da história mundial; Ele é o sustentáculo do qual depende a virada dos tempos. [...] Semelhantermente ‘enviou’ não comunica principalmente distância ou espaço; antes, fala de comissionar um enviado autorizado. Portanto, quando a fase mundial estava exatamente correta, o Pai comissionou seu Filho para trazer a salvação.” (ARRINGTON, Franch L.; STRONSTAD, Roger. Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento: Romanos - Apocalipse. Volume 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p.361).

III - A TRINDADE NO PLANO DA SALVAÇÃO

1 - A vontade do Pai realizada pelo Filho. O Filho veio ao mundo para cumprir a vontade do Pai: “eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 6.38). Essa vontade, segundo Cristo, é que nenhum daqueles que o Pai lhe deu se perca, mas tenham a vida eterna (Jo 6.39,40). A obediência de Jesus é perfeita, revelando plena submissão ao Pai. Ele mesmo testifica: “porque eu faço sempre o que lhe agrada” (Jo 8.29). Essa obediência alcançou o clímax na entrega voluntária de sua vida por amor: “sendo obediente até a morte e morte de cruz” (Fp 2.8). Por meio de sua vida sem pecado e morte sacrificial, a justiça de Deus foi plenamente satisfeita (Rm 3.24-26). Em Cristo, vemos a expressão sublime da obediência, do amor e da unidade perfeita na Trindade.

Como diz o título de um dos livros do teólogo John Stott: “Ele escolheu os cravos!”. Jesus tomou essa decisão porque a humanidade estava irremediavelmente perdida.

Absolutamente ninguém poderia salvá-la. Seu sacrifício vicário e eficiente trouxe a solução definitiva para o problema do pecado. Sua obediência perfeita permitiu que o plano fosse executado do início ao fim.

2 - A mediação exclusiva do Filho. O Filho é o único caminho de acesso ao Pai: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). Esse acesso é exclusivo porque Ele é a revelação plena do Pai (Jo 1.18), e o único que pode satisfazer a justiça divina mediante o seu sacrifício no Calvário (Hb 9.15). A exclusividade da mediação de Cristo está enraizada na estrutura trinitária. O Pai enviou o Filho (Jo 3.16), e o Espírito Santo testifica do Filho (Jo 15.26). Assim, o caminho para o Pai passa necessariamente pela aceitação do Filho, conforme ensina as Escrituras: “Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem” (1Tm 2.5). Desse modo, a salvação ocorre unicamente por meio da fé em Cristo (At 4.12).

Jesus tornou-se mediador porque sofreu sozinho e entregou sua própria vida como sacrifício perfeito. Esta é a razão pela qual não há outro mediador. Ninguém tinha condições legais de atender aos requisitos divinos, a não ser alguém sem pecado e sem mácula, em toda sua vida. Ainda que alguém quisesse morrer com ele na Cruz, tinha que atender a esses requisitos. Em toda a história jamais nenhum homem ou mulher, viveu e morreu imune ao pecado.

A própria Escritura declara: “todos pecaram” (Rm 3:23). Numa clara demonstração de que todos padecem do mesmo mal. Aliás, ainda que alguém vivesse o tempo todo sem pecar, o que é impossível, teria nascido com este DNA espiritual prejudicado (Sl 51:5). Eis aí uma das razões do nascimento virginal do seu Jesus.

Outro aspecto interessante dessa mediação é que Cristo não entrou no santuário da Terra, no qual o sacerdote oferecia sacrifícios diariamente por si mesmo e pelo povo. Ele entrou no santuário dos céus (Hb 9:24). Um lugar totalmente inacessível para qualquer mortal!

3 - A aplicação da salvação pelo Espírito. O Espírito Santo, chamado de Consolador e Espírito da verdade, foi enviado pelo Pai e pelo Filho. Jesus disse que o Espírito viria para convencer o mundo “do pecado, e da justiça, e do juízo” (Jo 16.8-11). É o Espírito que ilumina a mente para o conhecimento de Deus (2Co 4.6), ensina a verdade (Jo 14.26), regenera os pecadores (Tt 3.5), sela os que creem (Ef 1.13), opera a santificação progressiva (2Ts 2.13), e assegura a perseverança dos crentes (Fp 1.6). Além disso, o Espírito glorifica o Filho, pois foi enviado para testificar de Cristo (Jo 15.26), revelando sua Pessoa e obra ao coração humano. O Espírito nunca age independentemente do Filho ou do Pai. Sua missão é, intrinsecamente, a de exaltar a glória do Deus Triúno (Jo 16.13,14).

A Bíblia diz que o trabalho do Espírito Santo É convencer o homem a respeito de si mesmo. Somos falhos, mas não reconhecemos nossas falhas. Somos finitos, mas nos achamos insuperáveis. Somos fracos, mas não reconhecemos nossa fraqueza. É o Espírito Santo quem toca em nós e nos faz reconhecer tudo isso.

Ao fazê-lo, o Espírito Santo aponta para a solução do problema: Cristo Jesus! Nele nossas fraquezas são transformadas em força. Nossas falhas são perdoadas. E podemos ter esperança na eternidade. Por outro lado, Ele estabelece o padrão a ser seguido. Cristo é o homem perfeito que se torna o alvo espiritual da nossa vida. Assim, o Espírito revela que o maior erro do mundo não é apenas moral, mas cristológico: rejeitar o Filho. Como diz William Barclay, em seu estudo de João: “O Espírito Santo torna reais para os homens as verdades que, de outro modo, permaneceriam apenas ideias. Sem o Espírito, os fatos sobre Deus permanecem informações; com o Espírito, tornam-se convicção”.

CONCLUSÃO

O envio do Filho pelo Pai revela o amor eterno e soberano de Deus e destaca a perfeita unidade da Trindade na obra da salvação. Deus não apenas amou o mundo, mas agiu em favor dele, enviando seu Filho no tempo certo, para redimir os pecadores. O Filho, em obediência plena, realizou a redenção; e o Espírito Santo, em sua atuação eficaz, aplica a salvação ao coração dos crentes. Conhecer essa verdade fortalece nossa fé e nos convida a adorar com gratidão o Deus Triúno que nos salvou.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO E FIXAÇÃO

I – O ENVIO DO FILHO E O AMOR DO PAI

1. Como o uso dos termos gregos *agapáo* e *agápē* aprofunda nossa compreensão do amor de Deus descrito em João 3.16, especialmente em relação ao fato de esse amor não ser motivado por mérito humano?
2. O que significa afirmar que Deus amou “o mundo” mesmo sendo ele rebelde e perdido, e como isso redefine nossa visão sobre graça e condenação segundo João 3.17?
3. De que maneira a iniciativa soberana de Deus na salvação, estabelecida antes da fundação do mundo, confronta a ideia de que o ser humano pode iniciar ou merecer sua própria redenção?
4. Por que o envio do Filho deve ser entendido como um presente gracioso do Pai, e não como um ato que estabelece hierarquia ou inferioridade dentro da Trindade?

II – O FILHO E A PLENITUDE DOS TEMPOS

5. Como a expressão “plenitude dos tempos” revela o controle soberano de Deus sobre a história e o cumprimento preciso de sua economia?
6. Por que era essencial que Jesus fosse “nascido de mulher” e, ao mesmo tempo, “nascido sob a lei” para realizar plenamente a obra da redenção, à luz de Gálatas 4:4?
7. De que forma a adoção de filhos em Cristo amplia nossa compreensão da salvação, indo além do perdão dos pecados para uma relação íntima e filial com Deus?

III – A TRINDADE NO PLANO DA SALVAÇÃO

8. Como a obediência perfeita do Filho à vontade do Pai demonstra a unidade e a harmonia da Trindade na execução do plano da salvação?
9. Por que a mediação exclusiva de Cristo é indispensável para o acesso ao Pai, e como essa verdade se relaciona com a fé cristã em um mundo pluralista?
10. De que maneira a atuação do Espírito confirma que a salvação é uma obra trinitária aplicada ao coração humano?